

Os mecanismos de defesa presentes na neurose obsessiva: Um olhar sobre a formação sintomática

The main defense mechanisms found in obsessive neurosis:
A look at the formation of symptoms

Henrique Guilherme Scatolin ¹

Resumo

Este artigo pretende enfocar os principais mecanismos de defesa presentes na neurose obsessiva, tais como o deslocamento, a formação reativa, o isolamento e a anulação. Para desenvolver tal discussão, parte de uma releitura das obras pré-psicanalíticas até *Inibições, Sintomas e Ansiedade* de 1926, enfocando nesta a compreensão freudiana da formação do sintoma obsessivo e dos seus principais mecanismos de defesa. Conclui que, para uma melhor compreensão da etiologia sintomática nesta neurose, é necessário analisar cada mecanismo em sua particularidade; já que este expressa a singularidade de cada sintoma em sua essência. Estes mecanismos de defesa podem ser considerados como uma máscara que encobrem o sintoma, mas ao encobrir, revelam todos os desejos recalcados, denotando a história singular de cada paciente.

Palavras chave: Neurose obsessiva, mecanismos de defesa, sintoma obsessivo.

Abstract

This article intends to focus the main defense mechanisms found in obsessive neurosis, such as displacement, reaction formation, isolation and annulment. To develop this discussion, part of a reassessment of the pre-psychoanalytic work to *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* published in 1926, focusing on this understanding the Freud's idea of the symptom and the main defense mechanisms present in this neurosis. It concludes that for a better understanding of the etiology symptomatic neurosis, it is necessary to examine each mechanism in its particularity, since it expresses the uniqueness of each symptom in its essence. These defense mechanisms can be regarded as a mask to cover up the symptoms, but to conceal, reveal all repressed desires, denoting the unique history of each patient.

Key words: Obsessive neurosis, defense mechanisms, obsessive symptoms.

Recebido em 01 de março de 2013

Aprovado em 10 de maio de 2013

Publicado em 15 de julho de 2013.

INTRODUÇÃO

Ao final do século XIX, Freud se de- teve principalmente na questão da histeria cujo interesse foi despertado pelo contato com Charcot e Breuer, sendo tanto a histeria como a neurose obsessiva frutos de um evento traumático ocorrido na remota infância da criança.

Após abandonar a teoria traumática das neuroses em 1897 devido a sua auto-análise, a questão da neurose obsessiva é retomada em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*, de 1907. Neste artigo, a neurose obsessiva é vista como uma neurose particular, individual, sendo esta neurose um correlato de uma religião individual, particular do neurótico, enquanto que o mestre comparava a religião como um correlato da neurose obsessiva universal com as suas leis e regras próprias.

Por outro lado, os mecanismos de defesa presentes nesta neurose (tais como a anulação, a formação reativa, o deslocamento o isolamento) foram elencados ao longo dos estudos de Freud. No artigo *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* já encontramos dois mecanismos principais dessa neurose: o deslocamento e a formação reativa, mecanismos de defesa estes que foram retomados ao longo do caso clínico do Homem dos Ratos. Assim, para retomar estes quatro mecanismos de defesa nas publicações psicanalíticas, é necessário realizar uma breve retomada dos escritos dirigidos a Fliess como também nos artigos intitulados *As Neuropsicoses de Defesa e Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa*, ambos publicados anteriormente a *Interpretação dos Sonhos* de 1900.

O INÍCIO DOS ESTUDOS SOBRE A OBSESSIVA NEUROSE: UM OLHAR NOS RASCUNHOS E CARTAS DE FREUD NO PERÍODO PRÉ-PSICANALÍTICO.

As cartas de Freud a Fliess, segundo Sctrachey, “parecem ter uma significativa conexão com a história da psicanálise e a evolução dos pontos de vista de Freud” (1950/1996, p. 219). É ao longo das cartas a Fliess que o mestre vai desenvolvendo os seus primeiros apontamentos sobre as psiconeuroses; ou seja, sobre a histeria e a neurose obsessiva. Em relação às obsessões, é na carta nº 18 para Fliess que Freud (1894/1996) destaca os três mecanismos de transformação do afeto, entre os quais, a obsessão é tratada como um deslocamento do afeto.

Ainda sob a vigência da teoria traumática das neuroses, no rascunho K intitulado “*As Neuroses de Defesa: um Conto de Fadas para o Natal*”, Freud (1896/1996) afirma que a causa da neurose obsessiva é de natureza sexual e esta ocorreria anteriormente à maturidade sexual. Não acreditava que a hereditariedade determinasse a escolha de uma neurose defensiva especial. Assim, na neurose obsessiva, a idéia obsessiva seria fruto de uma conciliação: correto quanto ao afeto e categoria presente, no entanto falso devido ao deslocamento cronológico e à substituição por analogia.

Neste caso, Freud afirma que:

“o ego observa a obsessão como algo que lhe é estranho. Ocorre na neurose obsessiva uma luta defensiva do ego contra a obsessão, levando à produção de novos sintomas de defesa secundária. A idéia obsessiva é atacada pela lógica, embora sua força compulsiva fosse inabalável” (1894/1996, p. 306).

A relevância da defesa já era alvo de Freud desde os primórdios da psicanálise;

já que o efeito da defesa sobre o impulso inconsciente produziria vários sintomas de natureza secundária; tais como as idéias obsessivas.

Freud retoma o efeito desta defesa em três artigos que considero fundamentais para as primeiras compreensões freudianas relacionadas à formação sintomática obsessiva.

O primeiro artigo seria *As Neuropsicoses de Defesa*. Neste texto, segundo Freud (1894/1996), a importância do papel desempenhado pela sexualidade começa a ganhar destaque. O mestre releva que muitos obsessivos não têm idéia quanto à origem das suas obsessões, sendo a obsessão um substituto da idéia sexual incompatível, tomando seu lugar na consciência. O afeto presente nas obsessões se caracteriza como desalojado ou transposto (deslocado). Assim, a defesa visaria separar a idéia incompatível do afeto. Conseqüentemente, a idéia permaneceria na consciência (enfraquecida e isolada), mas isolada do afeto.

O segundo artigo seria *A Hereditariiedade e Etiologia das Neuroses*. Freud (1896/1996), neste artigo, aponta que as idéias obsessivas são meras acusações dirigidas pelo sujeito a si mesmo devido ao antecipado gozo sexual. Estas acusações são distorcidas por um trabalho psíquico inconsciente de transformação e substituição. Convém lembrar que tal apontamento veio a ser reiterado nas *Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa* de 1896.

Assim, neste terceiro texto, que considero de extrema importância para as primeiras compreensões freudianas sobre a neurose obsessiva, o mestre retoma a teoria traumática das neuroses, ressaltando que:

“as experiências sexuais da primeira infância têm na etiologia da neurose obsessiva a mesma importância que na histeria. Aqui, entretanto,

não se trata mais de passividade sexual, mas de atos de agressão praticados com prazer e de participação prazerosa em atos sexuais – ou seja, trata-se de atividade sexual” (1896/1996, p. 169).

Sob a ótica desta teoria, a neurose obsessiva apresenta um caráter ativo e não passivo como na histeria. Freud (1896/1996) ressalta que a neurose obsessiva é mais comum no sexo masculino; como também em todo sintoma obsessivo há um substrato de sintomas histéricos atribuídos a uma cena de passividade sexual que precedeu a ação prazerosa. Assim, na etiologia do sintoma obsessivo, existiriam substratos da passividade oriundos da histeria.

Segundo Freud:

“a natureza da neurose obsessiva pode ser expressa numa fórmula simples. As idéias obsessivas são, invariavelmente, auto-acusações transformadas que reemergiram do recalçamento e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância” (1896/1996, p. 169).

Para compreender o curso típico desta neurose, Freud aponta quatro momentos. O primeiro momento seria o de imoralidade infantil onde ocorrem as experiências de sedução sexual. Em um segundo momento, as auto-acusações ficariam ligadas à lembrança das ações prazerosas e a conexão com a experiência inicial passiva só ocorreria após os diversos esforços conscientes de recalçá-las e substituí-las por um sintoma primário de defesa, tais como a conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança, dando início ao terceiro período; ou seja, o período de aparente saúde e de defesa bem sucedida. O quarto momento seria o da doença que é caracterizado “pelo retorno das lembranças recal-

cadadas” (Freud, 1896/1996, p. 169). Neste ocorre o fracasso das defesas, ocorrendo uma formação de compromisso entre as representações recalçadas e as recalçadoras. Estas viriam a substituir as representações e afetos obsessivos.

Assim, durante a teoria traumática, Freud aponta dois tipos de neurose obsessiva. A primeira “inclui as representações obsessivas típicas, nas quais o conteúdo retém a atenção do paciente e, à guisa de afeto, ele sente apenas um desprazer indefinido” (1896/1996, p. 170). O conteúdo obsessivo seria distorcido de dois modos em relação ao ato obsessivo praticado com prazer na infância. Em um primeiro momento, alguma coisa contemporânea toma o lugar de algo do passado e, em um segundo momento, alguma coisa sexual é substituída por algo não sexual que lhe é análogo. Essas duas alterações são efeito da tendência ainda vigente a recalcar, que Freud atribui ao ‘ego’. Para o mestre “sempre que uma obsessão neurótica emerge na esfera psíquica, ela provém do recalçamento” (1896/1996, p. 170). Assim, as representações obsessivas têm, por assim dizer, uma circulação psíquica compulsiva em virtude da fonte de que derivam.

Uma segunda forma de neurose obsessiva “manifesta-se quando o que forçou sua representação na vida psíquica consciente não é o conteúdo mnêmico recalçado, mas a também auto-acusação” (1896/1996, p. 171). Lembremos que esta auto-acusação seria fruto da prática sexual na tenra infância da criança. São estas auto-acusações que podem se transformar em vergonha, em angústia hipocondríaca, em angústia social (medo de ser socialmente punido pelo delito), em angústia religiosa, em delírios de ser observado ou em medo da tentativa. Assim, a neurose obsessiva desenvolve vários sintomas de compromisso que representam o retorno do recalçado e, conseqüen-

temente, um colapso da defesa originalmente alcançada. É na luta defensiva do ego contra as lembranças recalçadas que o ego desenvolve sintomas que são classificados como frutos da defesa secundária; tais como as medidas protetoras. Caso a obsessão venha a ser transferida para as medidas protetoras é criada uma terceira forma de neurose obsessiva: as ações obsessivas. Essas ações contêm um desvio para outros pensamentos de conteúdo tão contrário quanto possível; tais como a compulsão a testar coisas e a mania de duvidar. Assim, a defesa secundária contra os afetos obsessivos leva a um conjunto ainda mais vasto de medidas protetoras passíveis de se transformarem em atos obsessivos. Nestes atos obsessivos encontramos medidas penitenciais, medidas de precaução (como as superstições, manias de minuciosidade) e etc

A CONTRIBUIÇÃO DO PERÍODO PSICANALÍTICO PARA A COMPREENSÃO DA NEUROSE OBSESSIVA: UM ENFOQUE SOBRE OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO.

Após abandonar a teoria traumática das neuroses em 1897 devido a sua auto-análise, Freud retoma o estudo sobre a neurose obsessiva em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*. Neste artigo, ele releva que:

“as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, idéias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial que comumente se denomina de neurose obsessiva” (1907/1996, p. 109).

Assim, na entidade clínica denominada neurose obsessiva, encontramos pessoas que praticam atos cerimoniais (ou obsessivos) como também pessoas que apresentam impulsos obsessivos e idéias obsessivas, sendo que nem todas as idéias ou impulsos finalizam em atos cerimoniais.

No artigo “Pensando a neurose obsessiva a partir de ‘Atos Obsessivos e Práticas religiosas’ de Freud”, Franco considera que “há uma família de sintomas que marcam a neurose obsessiva, sendo que os atos obsessivos [...] são apenas um dentre outros. Há também pensamentos, idéias e impulsos obsessivos que nunca se concretizam em atos [...]” (Berlinck, 2005, p. 153).

Freud (1907, 1996), em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*, além de ressaltar os inúmeros sintomas obsessivos presentes nesta neurose, retoma a idéia do fracasso da defesa. Convém apontar que foi neste texto que Freud abordou, pela primeira vez, a neurose obsessiva desde o artigo intitulado *Observações Adicionais Sobre as Neuropsicoses de Defesa* de 1896. Assim, passou quase dez anos sem se aprofundar na etiologia da neurose obsessiva.

Em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*, o mestre aponta que nesta neurose “há sempre a repressão de um impulso instintual [...] mas que sucumbiu posterior à repressão. O processo de repressão é um processo que só obtêm êxito parcial, estando constantemente sob a ameaça de uma fracasso” (Freud, 1907/1996, p. 127). Como consequência da falha do recalçamento há a formação de inúmeros sintomas obsessivos; tais como os atos obsessivos. O cerimonial do neurótico obsessivo; ou melhor, o seu ato obsessivo, seria elaborado como se tivesse de obedecer a leis tácitas, como deixar o par de sapatos sempre na mesma posição (um ao lado do outro, antes de dormir). Qualquer afastamento do cerimonial levaria a uma intolerável ansiedade e todo detalhe dos atos obsessivos possuiriam um sentido que estaria em conexão com as ex-

periências sexuais do sujeito. O cerimonial obsessivo surgiria como um ato de defesa, uma medida protetora. Assim, todas as minúcias do ato cerimonial são significativas e possuem um sentido simbólico que expressam motivos e idéias inconscientes.

Além do ato cerimonial, ao abordar a falha do recalçamento, o mestre aponta o mecanismo da formação reativa; já que nesta neurose “no decurso da repressão do instinto cria-se uma consciência especial dirigida contra os objetivos do instinto; essa formação reativa, porém, sente-se insegura e constantemente ameaçada pelo instinto emboscado no inconsciente” (Freud, 1907/1996, p. 114). Assim, devido à formação reativa que vem a recalçar o ódio no inconsciente, cria-se uma consciência especial dirigida contra os objetivos do instinto e é na formação reativa que encontramos a ambivalência do amor e do ódio na constituição psíquica deste neurótico. Mas quando que se inicia este mecanismo de defesa?

Segundo Freud “durante o período que vai do final do quinto ano às primeiras manifestações da puberdade [...] criam-se na mente formações reativas [...]” (1908/1996, p. 160). Ou seja, devido a falha do recalçamento surge as formações reativas como uma maneira de impedir o retorno do recalçado, mas esta formação reativa psíquica encontra-se insegura e constantemente ameaçada pelos desejos inconscientes. Conseqüentemente, os atos cerimoniais ou obsessivos “surgem como uma proteção contra a tentação, [...] contra o mal esperado” (Freud, 1907/1996, p. 114-115).

No artigo “Pensando a neurose obsessiva a partir de ‘Atos Obsessivos e Práticas Religiosas’ de Freud”, Franco expõe que “a neurose obsessiva nada mais é do que uma formação psíquica reativa, uma defesa contra o impulso preso no inconsciente” (Berlinck, 2005, p. 154).

Em *Os Instintos e as suas Vicissitudes*, Freud retoma a formação reativa, ressaltando que “o amor e o ódio não se ajustam ao esquema dos instintos” (1915/1996, p. 143). Convém lembrar que, na fase sádico-anal,² o amor, pela luta pelo objeto, aparece sob a forma de uma ânsia de dominar. O amor, nesta fase, quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto e, segundo as sábias palavras de Freud, “só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio” (1915/1996, p.143). O ódio, enquanto relação com os objetos, é bem mais antigo que o amor. O ódio provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo. Se uma relação de amor com um dado objeto foi rompida, freqüentemente o ódio surgirá em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio. O ódio, neste contexto, pode vir a ser reforçado por uma regressão do amor à fase sádica.

Freud reitera esta ambivalência no artigo intitulado *O Recalque*. Segundo Freud, na neurose obsessiva, “o recalque, no início, é cercado de êxito. O conteúdo ideacional é rejeitado, fazendo com que o afeto desapareça” (1915/1996, p. 161). O recalque faz uso da formação da reação para atingir este propósito, intensificando um oposto. É nesta ambivalência que constitui o ponto em que o reprimido consegue retornar, momento este em que a idéia rejeitada é substituída, por deslocamento, para algo pequeno ou indiferente.

Na neurose obsessiva, o trabalho da repressão se prolonga numa luta estéril e interminável. Conseqüentemente, a repressão, fazendo o uso da formação de reação, atinge o seu propósito, intensificando o amor em relação ao ódio. E a emoção desaparecida retorna, de uma forma trans-

formada, como ansiedade social, ansiedade moral e autocensura ilimitada.

Segundo Freud, “as formações reativas no ego do neurótico obsessivo [...] devem ser consideradas [...] como ainda outro mecanismo de defesa e situadas ao lado da regressão e da repressão” (1926/1996, p. 116-117). Na neurose obsessiva, como há a regressão libidinal à fase anal-sádica, intensifica-se o conflito entre o ego e o superego; uma vez que o superego torna-se severo e rude, e o ego, em obediência a esta instância, desenvolve fortes formações reativas sob a forma de consciência, piedade e asseio. Na neurose obsessiva, a consolidação do superego, a edificação de barreiras éticas e estéticas no ego e a dissolução do complexo de Édipo são processos levados muito longe do que é normal. Nos sintomas obsessivos há a impressão de que uma luta incessante está sendo travada contra o reprimido. Assim, nesta neurose, o conflito entre as instâncias psíquicas tem uma parcela especialmente grande na formação dos sintomas obsessivos.

Além da formação reativa, a neurose obsessiva apresenta outros mecanismos de defesa. Nos sintomas obsessivos, encontram-se também o deslocamento, o isolamento e a anulação. Sobre o deslocamento, Freud assevera:

Os cerimoniais [obsessivos] se prendem aos atos menores da vida cotidiana e se expressam através de restrições e regulamentações tolas em conexão com eles. Só compreendemos esse singular aspecto do quadro clínico quando percebemos que os mecanismos do deslocamento psíquico [...] domina os processos mentais da neurose obsessiva [...].

² É nesta fase que a neurose obsessiva apresenta sua fixação libidinal

Os simbolismos desses [...] atos resultam de um deslocamento, da substituição do elemento real e importante por um trivial (1907/1996, p. 106).

Pertence à etiologia da neurose obsessiva realizar a mais plena utilização possível do mecanismo do deslocamento, pois o simbolismo presente em certos atos cerimoniais são resultados do deslocamento, da substituição de um elemento importante por um elemento banal, corriqueiro. Conseqüentemente, essa tendência para o deslocamento transforma um ato extremamente banal em algo da maior urgência e importância.

Ao publicar as *Conferências Introdutórias*, Freud ressalta que “existe uma coisa apenas, que ela [a neurose obsessiva] pode fazer: realizar deslocamentos, trocas, pode substituir uma idéia absurda por outra um pouco mais atenuada, em vez de um cerimonial pode realizar um outro. Pode deslocar a obsessão, mas não removê-la” (1917/1996, p. 267). A possibilidade de deslocar qualquer sintoma para algo muito distante de sua conformação original é uma das principais características da neurose obsessiva. A obsessão consiste em deslocamentos para pequenos detalhes ou minúcias, momento este em que o neurótico obsessivo se preocupa com fatos aparentemente insignificantes.

Além do deslocamento, a anulação também é outro mecanismo presente na neurose obsessiva. Para Freud:

Na neurose obsessiva a técnica de desfazer o que foi feito é encontrada pela primeira vez nos sintomas ‘bifásicos’, nos quais uma ação é cancelada por uma segunda, do modo que é como se nenhuma ação tivesse ocorrido, ao passo que, na realidade, ambas ocorreram. A finalidade de desfazer é o segundo motivo sub-

jacente dos cerimoniais obsessivos, sendo o primeiro tomar precauções a fim de impedir a ocorrência ou recorrência de algum evento específico (1926/1996, p. 120).

Nos atos cerimoniais, o mecanismo da anulação está presente como um meio de desfazer um evento específico, momento este em que as fórmulas protetoras encontram sua contrapartida nas fórmulas da magia. A importância deste mecanismo para o cerimonial consiste no fato que, na anulação, a primeira razão do cerimonial obsessivo é tomar precauções a fim de evitar a ocorrência de um evento específico e a segunda razão é a finalidade de desfazer, implícito dos cerimoniais.

Freud define o mecanismo da anulação ou a técnica de desfazer como uma “mágica negativa e que se esforça por meio do simbolismo motor por ‘dissipar com um sopro’ [...] o próprio evento” (1926/1996, p. 120). Nesta neurose, as duas partes do sintoma geralmente encontram-se separadas. Conseqüentemente, o sintoma torna-se bifásico, ou seja, divide-se em dois estádios. Essa divisão em estádios consiste em duas ações, uma depois da outra, as quais se anulam reciprocamente. Assim, neste mecanismo, uma ação é cancelada por uma segunda, de modo que é como se nenhuma ação tivesse ocorrido, ao passo que, na realidade, ambas ocorreram.

Um exemplo deste mecanismo está presente em um ritual apresentado pelo Homem dos Ratos. No dia em que a sua amada devia partir, Lanzer “bateu com o seu pé numa pedra da estrada e foi obrigado a afastá-la do caminho, pondo-a à beira da estrada, pois lhe veio a idéia obsessiva de que o carro dela iria passar [...] pela mesma estrada e poderia acidentarse nesta pedra” (Freud, 1909/1996, p. 167). Minutos depois, o Homem dos Ratos pensou que era um absurdo isso acontecer e restituiu a pedra à sua posição onde estava.

Assim, o ato de retirar a pedra e, posteriormente, colocá-la no mesmo lugar exemplifica o mecanismo da anulação na dinâmica psíquica deste obsessivo.

Além da anulação, o último mecanismo de defesa presente na neurose obsessiva é o isolamento. Sobre este mecanismo, Freud propõe:

O efeito desse isolamento é o mesmo que o efeito da repressão com amnésia e o isolamento recebe reforço motor para finalidades mágicas [...]. O isolamento motor destina-se assegurar uma interrupção da ligação do pensamento [...]. Enquanto o neurótico está empenhado em pensar, seu ego tem de manter muita coisa afastada - a intrusão de fantasias inconscientes e a manifestação de tendências ambivalentes [...]. O ego fortifica essa compulsão a concentrar e a isolar mediante a ajuda dos atos mágicos de isolamento que, sob a forma de sintoma, se desenvolvem, passando a ser tão dignos de nota e a ter tanta importância prática para o paciente, mas que são, naturalmente, inúteis em si e que têm a natureza de cerimoniais (1926/1996, p. 120-121).

O isolamento, como a anulação, também ocorre na esfera motora. Neste mecanismo, a experiência é separada do seu afeto e suas conexões associativas são suprimidas, permanecendo isoladas, não sendo reproduzidas nos pensamentos obsessivos. O ego, cuja função é orientar a corrente do pensamento, realiza isolamentos nos pensamentos obsessivos devido ao alto grau de tensão existente entre o superego, que na neurose obsessiva torna-se cruel e rígido, e o id, pólo das pulsões destrutivas.

Freud entende que “nesse esforço para impedir associações e ligações de pensamento, o ego está obedecendo a uma das

ordens mais antigas e fundamentais da neurose obsessiva, o tabu de tocar” (1926/1996, p. 122). Quando um neurótico isola uma impressão, um pensamento ou uma atividade, este sujeito está permitindo que se compreenda simbolicamente que o mesmo não tolera que seus pensamentos sobre uma determinada impressão ou atividade estabeleça uma associação com outros pensamentos.

Em seu artigo “Mecanismos de Defesa na Neurose Obsessiva”, Telles interpreta que:

“a obsessão deve ficar separada do desejo, assim como o sujeito de suas fezes. Daí no pensamento, desejo (obsessão ou fezes) não pode encontrar-se com o objeto (realização do desejo) [...]. Mas não é o isolamento que explica a desconexão; ele apenas a possibilita e mantém. O isolamento é a consequência da necessidade prévia de impedir a junção. Desse modo, tais mecanismos de defesa (a anulação e o isolamento) representam e realizam as duas faces contraditórias do problema: mantêm a proibição, e no mesmo ato, são sua realização” (Berlinck, 2005, p. 427).

Assim, devido ao mecanismo do isolamento, o pensamento obsessivo não entra em contato com o desejo recalçado. Consequentemente, o obsessivo desenvolve rituais que preservam os seus tabus, transparecendo, de um lado, toda a ambivalência entre o desejar e o temer, como também as pulsões agressivas que o paralisam em seu dia a dia.

CONCLUSÃO

Gostaria de iniciar esta conclusão com as sábias palavras de Fenichel sobre a neurose obsessiva e de seus respectivos

mecanismos de defesa. Para este autor, “a alteração do caráter, típica da neurose obsessiva, nem sempre se deve diretamente à regressão, mas se segue também ao uso de outros mecanismos de defesa depois da regressão, a saber, a formação reativa, o isolamento e a anulação” (Fenichel, 1981, p. 64). Ao analisar um caso de neurose obsessiva, não podemos nos esquecer de relevar cada mecanismo de defesa na compreensão da etiologia de cada sintoma; já que cada paciente apresenta uma singularidade expressa por cada mecanismo em sua particularidade, denotando, em seu sintoma, a sua história libidinal e identificatória.

Devemos enxergar, no sintoma obsessivo, a particularidade de cada mecanismo defensivo, sempre relevando que as formações reativas estão a serviço das hostilidades inconscientes e o isolamento a serviço do tabu do tocar (o objeto desejado que se tornou perdido para sempre). Por outro lado, a anulação está, de certa forma, ligada à formação reativa, realizando um ato imaginário ou real contrariamente ao que, real ou imaginariamente, foi realizado, momento este em que um segundo ato neutraliza o primeiro, impossibilitando de que o neurótico venha atuar a sua agressividade.

Ao lado da anulação, nós temos o isolamento. Neste mecanismo há a perda da seqüência das conexões, isolando a idéia da catexia emocional a ela vinculada. E, por último, o deslocamento vem a substituir os impulsos e desejos inconscientes por atos banais e corriqueiros expressos por atos cerimoniais. Assim, estes quatro mecanismos de defesa podem ser considerados como uma máscara que encobrem o sintoma, mas ao encobrir, revelam todos os desejos recalcados, denotando a história singular de cada paciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERLINCK, M. T. (2005). *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta.
- FENICHEL, O. (1981). *Teoria Psicanalítica da Libido*. Rio de Janeiro: livraria Atheneu.
- FREUD, S. (1996). As Neuropsicoses de Defesa. (J. Salomão, Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 3, pp. 51-72). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1894).
- _____. (1996). Rascunho K. (J. Salomão, Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 263-267). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896).
- _____. (1996). Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa. (J. Salomão, Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 3, pp. 163-183). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896).
- _____. (1996). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. (J. Salomão, Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 9, pp. 107-117). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1907).
- _____. (1996). Caráter e Erotismo Anal. (J. Salomão, Trad.). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 9, pp. 157-164). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908).
- _____. (1996). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 10, pp. 137- 273). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1909).

- _____. (1996). Totem e Tabu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- _____. (1996). Conferência XIX – Resistência e Repressão. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 16, pp. 293-308). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917).
- _____. (1996). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 20, pp. 81-170). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926).
- _____. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 219-331). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950).

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Mestre em Psicologia pela PUC-SP e doutorando em Psicologia Clínica pela PUC-SP, especificamente no núcleo de Psicanálise. Atualmente é docente do Centro Universitário Herminio Ometto (Araras/SP). O email para contato é henriquescatolin@hotmail.com